

## Caminhos tortos

Por Arthur Virgílio

O governo parecia não ver quão avassaladora haveria de ser a onda da crise internacional que se avizinhava e já vai causando sensíveis estragos na vida brasileira, com déficit, pela primeira vez, desde 2001, na balança comercial, forte diminuição da atividade econômica e crescente desemprego. Não há estratégia consistente para reduzir seus efeitos. Surpreso e talvez assombrado, o presidente Lula descobre que de nada adiantou artificializar o otimismo - e vai tomando medidas a esmo, improvisadas, de resultados duvidosos.

Era a hora de o governo ampliar os investimentos públicos, incentivar os privados e conter as enormes despesas de custeio. Toma, porém, o caminho torto, inflando ainda mais a já obesa máquina administrativa. Em fins do ano passado, com a crise batendo às nossas portas, comprometeu, até 2011 (dura herança para o sucessor), R\$ 48 bilhões em gastos com pessoal. Não cancelou nenhum concurso público. Para este ano está prevista a contratação de mais 50 mil servidores, 30 mil dos quais na área do Executivo. Em menos de seis anos, contratou 60% a mais do que nos oito anos do governo Fernando Henrique. Os dispêndios com a propaganda oficial também vão de vento em popa. Neste 2009, a Presidência da República e os ministérios poderão despende até R\$ 547 milhões para mostrar ao povo suas "realizações" - 35% a mais (de despesas, não de feitos) do que em 2008!

Além de conter drasticamente o custeio, o Brasil deveria, como recentemente assinalou o ex-ministro da Fazenda Pedro Malan, "acelerar o passo do destravamento da agenda regulatória, concorrencial e de redução de incertezas jurídicas, estimulando o investimento privado, doméstico e internacional". Em vez disso, o governo continua fatiando entre os partidos de sua base de apoio os cargos das agências reguladoras, que deveriam ter caráter eminentemente técnico. É a ministra Dilma Rousseff quem dá as cartas nesse setor. Para o lugar de Jerson Kelman - técnico de reconhecida competência - na Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), foi Nelson Hubner, ex-chefe de Gabinete da pré-candidata no Ministério das Minas e Energia; para a Agência Nacional de Transportes Terrestres foi seu assessor especial na Casa Civil, Bernardo Figueiredo. Tudo em casa, como se vê!

Graças às políticas macroeconômicas estabelecidas pelo governo Fernando Henrique há dez anos, os efeitos da crise não estão sendo ainda mais devastadores. São o tripé do câmbio flutuante e o regime de metas de inflação, que completaram dez anos há poucos dias, e o rigor na política fiscal, que tem por base metas de superávit primário e a Lei de Responsabilidade Fiscal. Funcionam como escudos do país nesta hora de dificuldades. Amenizam o impacto da crise, mas não bastam. O governo precisa conter os gastos de custeio e aumentar os investimentos, além de tomar outras medidas sérias, pensadas e concatenadas. *Arthur Virgílio Senador (AM); líder do PSDB - arycmr@senado.gov.br*

Caminhos tortos. **O Tempo (MG)**, Opinião, Artigos, 05.fevereiro..2009